

Coleção

ISSN: 2359-3393

v. 02, nº 03  
2015

Didática do PET



A RELIGIOSIDADE EM  
**POMPEIA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
VENDA PROIBIDA

Coleção Didática PET História UFPR

**v. 02, n. 03**

**Religião em Pompeia**

CURITIBA

2015

**Endereço para correspondência**

Rua General Carneiro, n.º 460, 6º andar, sala 605

Centro – Curitiba – Paraná – Brasil

CEP: 80060-150

e-mail: pethistoriaufpr@gmail.com

**Impresso com recursos do FNDE**

**Organizadores:**

André Arruda Nascimento

André Victor Falcade Pereira

Brenda Yasmin Degger

Bruno Ercole

Douglas Figueira Scirea

Josip Horus Giunta Osipi

Letícia Ruoso Wehmuth

Maria Victória Ribeiro Ruy

Willibaldo Ruppenthal Neto

**Projeto Gráfico e Capa:**

Willibaldo Ruppenthal Neto

Periodicidade: irregular

ISSN: 2359-3393

Curitiba, PR: PET História UFPR, 2015. (Volume 2)

Coleção Didática PET História UFPR

## **Religião em Pompeia**

Renata Senna Garraffoni (tutora do PET História)

### **Membros do PET História:**

Aguinaldo Henrique Garcia de Gouveia

Alexandre Cozer

Carolina Marchesin Moisés

Douglas Figueira Scirea

Felipe Barradas Correia Castro Bastos

Gabriel Elysio Maia Braga

Josip Horus Giunta Osipi

Karin Barbosa Joaquim

Lauriane dos Santos Rosa

Luccas Abraão de Paiva Vidal

Maria Victoria Ribeiro Ruy

Mariana Fujikawa

Maurício Mihockiy Fernandez Martinez

Mayara Ferneda Mottin

Michel Ehrlich

Shirlei Batista dos Santos

Suellen Carolyne Precinotto

Willian Funke

**PET História**

**Departamento de História**

**Universidade Federal do Paraná**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS. BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS E  
EDUCAÇÃO

---

COLEÇÃO Didática PET História-UFPR / UFPR. Departamento de História; [organizadores: André Arruda Nascimento, André Victor Falcade Pereira, Brenda Yasmin Degger *et. al*; projeto gráfico e capa: Willibaldo Ruppenthal Neto]. – v. 2, n. 3 ( 2015-) . – Curitiba, PR: PET-História UFPR, 2015.

V. 2, n. 3, 2015

Título do exemplar: Religião em Pompeia

Irregular

ISSN: 2359-3393

1. História - Estudo e ensino - Publicações seriadas. I. Universidade Federal do Paraná. Departamento de História. PET. II. Osipi, Josip Horus Giunta. III. Rosa, Lauriane dos Santos Rosa.

981.07

---

Vivian Castro Ockner CRB-9ª/1697

# Apresentação da coleção

O PET-História da Universidade Federal do Paraná foi fundado em 1992. Durante mais de duas décadas o grupo tem desenvolvido uma série de atividades que visam explorar o eixo básico do Programa de Educação Tutorial do MEC/SESU: relacionar atividades de ensino, pesquisa e extensão. Nos últimos anos, em especial, alunos e alunas bolsistas e não bolsistas têm realizado uma série de atividades inovadoras e buscado torná-las públicas para que a comunidade extra acadêmica possa se beneficiar de seus resultados. Com auxílio das ferramentas da internet, por exemplo, cada vez mais o trabalho tem ganhado visibilidade nacional e muitas das atividades realizadas podem ser acessadas pelo blog do grupo <http://pethistoriaufpr.wordpress.com/>. Além disso, a publicação da Revista *Cadernos de Clio* - agora também integralmente *on line* em <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cli0> - tem permitido o contato de graduandos dos cursos de História do Brasil e do exterior, por meio da difusão e publicação de pesquisas desenvolvidas por acadêmicos.

Dentro dessa perspectiva de disponibilizar materiais produzidos pelo grupo, no ano de 2014 decidimos criar uma Coleção exclusiva para publicação de Material Didático produzido no âmbito das atividades que envolvam alunos e alunas do PET-História da UFPR. A presente Coleção visa,

portanto, trazer à luz pesquisas inovadoras realizadas por petianos e seus colegas de graduação no âmbito da Universidade com finalidade de divulgar o potencial desses trabalhos para o uso nas escolas. Escrita em uma linguagem acessível, a Coleção Didática tem como objetivo central problematizar temas de historiografia de diferentes períodos, coletar documentos e propor reflexões que permitam aos professores da rede de ensino pública e privada acesso a um material inédito que proporcione uma maior aproximação e diálogo entre academia e escolas.

Esperamos, com essa nova Coleção, estimular a todos, petianos, graduandos em História, professores e alunos das escolas brasileiras, a produção crítica do conhecimento sobre o passado, bem como explorar sua potencialidade de diálogo entre diferentes modos de viver. O trabalho se baseia em perspectivas plurais que incluem reflexões sobre temas que possam ajudar na construção de uma sociedade mais democrática, colaborando assim para a formação cidadã dos jovens brasileiros.

# Apresentação do material

O presente material didático é fruto das discussões realizadas na disciplina de Laboratório de Ensino e Pesquisa em História Antiga, ofertada pela Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni no segundo semestre de 2015, para o curso de História Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal do Paraná.

Considerando os debates sobre o lugar do ensino de religião nas escolas, esta publicação tem por objetivo trabalhar questões que envolvam a pluralidade de suas manifestações. Para tanto, optamos por abordar a religião na Antiguidade Romana cuja diferença temporal e geográfica possibilita uma reflexão sobre diversidade quando contrastadas com as religiões contemporâneas. Além disso, o sincretismo e a maneira pela qual os antigos romanos se relacionavam com os deuses e expressavam sua religiosidade cotidiana permitem abordagens históricas, sociais e culturais ao mesmo tempo em que ajuda a desconstruir a ideia da religião romana como mera cópia das práticas gregas.

Tendo em vista as modificações das formas e práticas religiosas ao longo do tempo, foi necessário um recorte espacial e temporal. Assim, optamos pelo estudo de caso de Pompeia no período entre o fim da república e o início do império. Esta opção também foi pautada pela ampla documentação material presente na cidade – questão que abordaremos ao longo deste material didático – como pinturas parietais, mosaicos, estátuas e grafites. A cultura material apresentada não é, portanto, ilustrativa, mas instrumento para produção de conhecimento crítico em conjunto com os alunos.

O material didático está dividido em três partes: na primeira apresentamos aspectos teóricos norteadores da reflexão, como, por exemplo, os debates em torno da ciência das religiões, apontamentos acerca da religiosidade romana e, por fim, o contexto das escavações da cidade de Pompeia. Na segunda, selecionamos alguns deuses romanos cultuados em Pompeia e discutimos as formas de interação com a população local. Por último, em uma terceira parte, sugerimos uma série de atividades para serem desenvolvidas com os alunos visando aprofundar os estudos sobre o tema e, ao mesmo tempo, fornecer ferramentas aos professores para a avaliação do conteúdo, assim como das discussões apresentadas.

Esperamos que este trabalho suscite a curiosidade dos professores e alunos e ajude a promover discussões sobre pluralidade e sincretismo religioso tanto no presente quanto no passado. Lembramos ainda que todo o material apresentado está disponível para download gratuito no blog do PET História: <https://pethistoriaufpr.wordpress.com/>.

Boa leitura e bom trabalho!

# ÍNDICE

<b>Apresentação da Coleção.....</b>	<b>05</b>
<b>Apresentação do Material.....</b>	<b>07</b>
<b>Como estudamos as religiões?.....</b>	<b>11</b>
<b>A Religião Romana: aproximações iniciais.....</b>	<b>17</b>
<b>A Cidade de Pompeia – breve histórico.....</b>	<b>25</b>
<b>Escavações em Pompeia desde sua descoberta.....</b>	<b>26</b>
<b>Religiosidade em Pompeia.....</b>	<b>30</b>
<b>Deuses e Deusas.....</b>	<b>32</b>
<b>Proposta de atividades em sala.....</b>	<b>67</b>
<b>Mapa de Pompeia.....</b>	<b>75</b>

## Como estudamos as religiões?

A religião é um fenômeno presente ao longo de toda a história humana, tendo sempre ocupado um espaço especial na vida dos homens e das mulheres, como parte da sua maneira de entender o mundo ou as sociedades, enquanto mecanismo de autoridade, definição cultural e mesmo no direcionamento de sua história. Apesar de aparentemente existir uma distância entre religião e ciência, muitas vezes indicadas em oposição, como se fossem duas realidades incomunicáveis, segundo Geraldo José de Paiva, “as relações entre ambas não foram sempre conflituosas, nem na área acadêmica nem na área religiosa”.<sup>1</sup> Assim sendo, é possível uma ciência da religião, tal como se pode perceber pelos estudos que vieram a se desenvolver a partir do século XIX, quando as primeiras cátedras universitárias de história das religiões foram criadas e quando surgiram as pesquisas de estudos comparados das religiões.

Atualmente, para o estudo de qualquer religião, é necessário um exercício de alteridade, de modo a não se

---

<sup>1</sup> PAIVA, Geraldo José de. “Ciência, religião, psicologia: conhecimento e comportamento”, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Vol. 15, No. 3, 2002. pp. 561-567 [561].

estabelecer uma categorização ou mesmo qualificação das religiões, como se houvesse religiões mais ou menos desenvolvidas, mais ou menos qualificadas. Nem sempre foi assim. O estudo da ciência das religiões foi marcado por um processo de questionamento da tendência de estabelecer uma hierarquia das religiões. A antiga perspectiva evolucionista, presente já em Edward Burnett Tylor (1832-1917), também se encontra na chamada escola antropológica inglesa, de James George Frazer (1854-1941) e Jane E. Harrison (1850-1928), relegando às crenças antigas as categorias de “crenças primitivas” e “mágico-religiosas”, desqualificando tais perspectivas religiosas enquanto inferiores às “grandes religiões dos livros”. Tal perspectiva, porém, não permite a plena alteridade, necessária para um genuíno estudo de ciência da religião, uma vez que, como aponta Sécio de Souza Silva, “os cientistas da religião devem, pois, ser capazes de trazer à luz aspectos de uma religião alheia ao conversar com o crente que melhor poderá responder à questão de como algo religioso funciona, e não meramente explicar o fenômeno da religião”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> SILVA, Sécio de Souza. “Ciência da religião”, *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 40, outubro de 2006. pp. 528-533 [532].

As novas pesquisas e estudos das religiões antigas, questionando essa tendência evolucionista, têm trabalhado sob a perspectiva bem aferida por Jean-Pierre Vernant, segundo o qual “as religiões antigas não são nem menos ricas espiritualmente nem menos complexas e organizadas intelectualmente do que as de hoje. Elas são outras”.<sup>3</sup> Tal renovação das pesquisas a respeito das religiões antigas, porém, se deu especialmente com a religiosidade grega, sobre a qual Louis Gernet (1882-1962), Jean-Pierre Vernant (1914-2007), Walter Burkert (1931-2015), Pierre Vidal-Naquet (1930-2006), Marcel Detienne (1935- ) e outros estudiosos de renome investiram seus estudos, havendo uma clara necessidade de aprofundamento e reformulação no estudo da religiosidade romana, ainda pouco explorada.

Um material didático a respeito da religiosidade romana, portanto, é justificado para ajudar a preencher a lacuna da falta de estudos acerca desta religião que, – quando comparada aos estudos a respeito do cristianismo ou mesmo da religiosidade grega, é bem menos conhecida. Além disso, também é justificado pela importância do conhecimento da religiosidade romana para a compreensão dessa sociedade de forma mais

---

<sup>3</sup> VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 3.

aprofundada, uma vez que esta desempenhava um papel fundamental na vida dos romanos antigos, marcando desde suas relações familiares às suas posições políticas.

Em 1864, Fustel de Coulanges já indicava em sua obra *A Cidade Antiga* a importância do estudo das crenças religiosas dos antigos gregos e romanos para a compreensão de suas instituições. Segundo este autor, a religião “constituiu as famílias grega e romana, estabeleceu o casamento e a autoridade paterna, fixou os seus graus de parentesco, consagrou o direito de propriedade e o direito sucessório”,<sup>4</sup> em suma, foi a base para todos os fundamentos da cultura e da sociedade romana, de forma que seu trabalho se inicia por uma análise das crenças antigas.<sup>5</sup>

A relação entre a religião e a política, tanto no caso grego como no romano, era evidente por inúmeras práticas. O calendário oficial, por exemplo, era recheado de dias sagrados e festividades religiosas, cuja realização ritualística levava à interrupção de negócios, não apenas de ordem particular como ainda de ordem pública. No caso específico dos romanos,

---

<sup>4</sup> FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. *A Cidade Antiga*. Trad. Fernando de Aguiar. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 4.

<sup>5</sup> FUSTEL DE COULANGES, 2004, pp. 7-34.

porém, a relação entre religião e política era ainda mais estreita, de modo a suscitar certo assombro de comentadores gregos, a exemplo de Políbio, que indicou como peculiaridade dos romanos o respeito às coisas públicas, que decorreria da estreita relação destas com os deuses e a religiosidade.<sup>6</sup>

Havia, portanto, uma priorização do respeito aos juramentos e aos próprios deuses, que levava os romanos a terem uma postura de sacralização da própria política e mesmo do Estado. A prioridade divina nas atividades levava também os romanos a consultarem os deuses a respeito de como deveriam proceder nos assuntos públicos, apesar de desconhecermos até que ponto levavam os resultados destas consultas em consideração.<sup>7</sup> Assim, tal como bem destacou Moses I. Finley, “nenhuma atividade pública e muito poucas particulares eram empreendidas sem antes suplicar aos deuses sua proteção, através de preces e sacrifícios, e sem lhes retribuir com dádivas e oferendas, subsequentemente, os êxitos obtidos”.<sup>8</sup> Mesmo

---

<sup>6</sup> POLÍBIO, *Hist.*, 6.56.6.

<sup>7</sup> “Não existem, entretanto, provas documentais nem razões para pensar que as diretrizes e iniciativas de ordem política fossem alguma vez determinadas ou alteradas por referência à vontade ou instruções divinas” (FINLEY, Moses I. *A política no mundo antigo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 40).

<sup>8</sup> FINLEY, 1985, p. 39.

assim, porém, não se deve exagerar tal relação, de modo a estabelecer a religião como única fonte de autoridade da política romana. Para além da imagem do governo como provedor do que era necessário, do *panis et circenses*, a política romana se fundamentava em profundas relações de identidades, de ideias, de crenças, de normas culturais e mesmo de “valores consciente e inconscientemente alimentados”,<sup>9</sup> dentre os quais a religião possui caráter fundamental, mas não único. Assim, ao longo da história romana, o governo acabou por incorporar e mesmo introduzir “formalmente uma legião de divindades estrangeiras no culto oficial”,<sup>10</sup> assim como a criação do Império Romano, não apenas abriu espaço para religiões particulares e estranhas como ainda ao próprio culto de César e do imperador.<sup>11</sup> Tais aspectos veremos com mais detalhes a seguir.

---

<sup>9</sup> FINLEY, 1985, p. 40.

<sup>10</sup> FINLEY, 1985, p. 39.

<sup>11</sup> BUKERT, Walter. *Mito e mitologia*. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 69.

## A Religião Romana: aproximações iniciais<sup>12</sup>

Quando pensamos sobre a religião romana, muitas vezes apenas a relacionamos com os mitos da Grécia Antiga. Mas, ao contrário do que estamos acostumados a ver nos materiais didáticos de História, a religião dos antigos romanos não foi apenas uma tradução dos feitos e das características dos deuses da cultura grega, adaptados ao contexto da Península Itálica, mas sim um modo original<sup>13</sup> e plural de se relacionar com o divino e com a natureza. Assim, não podemos falar também de uma só religião, pois, durante toda a sua história, que vai desde a fundação da cidade no século VIII a.C. até o fim do Império no século V d.C., as manifestações religiosas em Roma foram dotadas de diferentes formas, recebendo também muitas influências pelo contato com outros povos, como os etruscos, os gregos e até mesmo com as populações orientais, com as quais os romanos conheceram o monoteísmo. Este sincretismo

---

<sup>12</sup> O presente texto tem como base o capítulo *Religião Romana*, de autoria da Dra. Renata Garraffoni, presente na obra *As Religiões que o Mundo Esqueceu*. Quando forem utilizadas ideias de outros autores, as mesmas serão devidamente referenciadas com notas de rodapé.

GARRAFFONI, R. S. Religião Romana. In: FUNARI, P. P (org.). *As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 53-66.

<sup>13</sup> MOMMSEN, T. *História de Roma*. Buenos Aires. 1953.

religioso foi uma das mais importantes características da religião romana.

As suas origens são rurais. Neste ambiente do campo, os *pagani* – camponeses, daí a palavra paganismo – buscavam o equilíbrio dos poderes divinos por um lado e dos os homens e das mulheres por outro. Esse equilíbrio era chamado de *pax deorum* – a paz dos deuses. Outra característica dessa religião rural era a coletividade: a relação com o divino não era individual. Ainda nesse primeiro momento não existiam os deuses personificados que conhecemos, mas sim as forças divinas, que estavam manifestas na natureza e também nas atividades humanas. Nesse contexto, não havia também estátuas ou templos, e as divindades abstratas tinham no fenômeno que representavam a sua própria imagem e santuário.<sup>14</sup> Mas com o surgimento das cidades, se estabeleceram novas formas de relação com essas forças divinas, que acabaram sendo normatizadas.

O princípio da religião romana era a harmonia entre o humano e o divino, porém, com a influência da cultura etrusca, ocorreram mudanças na sua organização. Uma delas foi o

---

<sup>14</sup>MOMMSEN, T. *História de Roma*. Buenos Aires. 1953.

surgimento da tríade capitolina, composta pelos deuses Júpiter, Marte e Quirino, representando a justiça, a guerra e a união do povo romano, respectivamente. Nesse contexto de estabelecimento das divindades temos ainda Jano e Vesta, ele como o responsável pela proteção das portas e janelas e pelos inícios e ela como a deusa protetora do fogo sagrado de Roma.

Também com os etruscos percebemos ainda outras transformações: o desenvolvimento da adivinhação e a introdução de livros sagrados que, até então, não eram utilizados pelos romanos. A monarquia etrusca consolidou o culto público e estatal, mas no âmbito privado, ainda temos a importância da figura do *paterfamilias*– o chefe da família – como o responsável pelo culto doméstico, voltado aos deuses Lares, com os quais se tinha uma relação mais íntima.<sup>15</sup>

Com o fim do domínio etrusco, o panteão romano se modificou, os deuses Júpiter, Juno e Minerva formaram a nova tríade. Júpiter se manteve como o deus da justiça, Juno representa a força guerreira e a fecundidade e Minerva é a deusa das artes e dos artesãos. No período da República, os romanos também entraram em contato com os gregos estabelecidos na

---

<sup>15</sup>MOMMSEN, T. *Historia de Roma*. Buenos Aires. 1953.

Magna Grécia (sul da Península Itálica) e, assim conheceram os livros Sibílicos, versos sagrados que passaram a fazer parte da religião em Roma. Nesse momento se organizou também uma nova tríade capitolina, composta por Ceres, Liber e Libera, deuses da fecundidade.

No período republicano temos a construção de novos templos, além da assimilação de deuses gregos e orientais, como Apolo e Ísis. Nesse contato com os povos do oriente, os romanos conheceram as religiões dos persas e dos judeus, tiveram contato com suas noções de pecado, dogma e valor espiritual dos pobres, algo que não ocorria no paganismo, no qual não havia apenas um único caminho a ser seguido para se encontrar com o sagrado.

Contudo, não são somente os deuses do oriente que passam a fazer parte da religião romana. A expansão territorial de Roma leva elementos de sua cultura para o Norte da África e também para boa parte do que hoje conhecemos como Europa. Assim, o sincretismo religioso romano acaba sendo um meio de integração cultural, ao aceitar os deuses nativos. Podemos citar como exemplo o casamento entre Mercúrio e Rosmerta, na Bretanha romana. Tradicionalmente, os historiadores viram essa aliança como a dominação política de Roma sobre os bretões, na

qual a divindade masculina romana subjugaria a deusa feminina local, em um contexto de imposição sócio-cultural. Porém, essa explicação propõe que, para os nativos, a deusa teria menos importância do que o deus. No Brasil, o historiador Renato Pinto, em diálogo com pesquisadores britânicos, propõe, a partir dessas novas interpretações, ser possível entender esse casamento de outra maneira, como a adaptação resistente da divindade feminina. Nessa perspectiva, ao invés do deus estrangeiro dominando a deusa local, temos a submissão deste à importância da divindade celta.<sup>16</sup>

Mas para entendermos a religião romana não nos basta conhecer a sua organização política. Precisamos refletir sobre seus ritos e práticas, e também sobre seus agentes. No culto público, temos a figura do sacerdote, que age como intermediário entre o humano e o divino e é subordinado ao governo, enquanto o *paterfamilias* continua com autonomia sobre o culto privado. Estes sacerdotes são provenientes das famílias aristocráticas, e em sua maioria homens, embora haja as virgens do templo da deusa Vesta. Eles se formavam em

---

<sup>16</sup> PINTO, R. *Arqueologia e Romanização: Os discursos arqueológicos e a cultura material da Bretanha Romana*. 148 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

colégios sacerdotais, cada vez mais especializados, onde aprendiam a interpretar a vontade dos deuses e, sendo os responsáveis pela ordem divina, não poderiam exercer outras funções na administração. Com exceção das virgens de Vesta e dos sacerdotes de Júpiter, a eles era permitido participar da vida aristocrática. Os sacerdotes consultavam os deuses para saber como situações deviam se desenvolver, ainda que não previssem o futuro. Essas consultas eram realizadas nos templos antes de decisões importantes e sugerem a sua relevância para os romanos, indicando a possibilidade dos cultos terem um aspecto prático no seu cotidiano.

Relacionado à figura do sacerdote temos também o pontífice, que apresenta um caráter normatizador, sendo o responsável pela criação de leis de mediação entre os homens e os deuses e entre o estado e a religião, pelo estabelecimento do calendário religioso de festas, e pela punição dos crimes religiosos, o que neste período faz parte da manutenção da *pax deorum*. Outros agentes dessa religião são os áugures, que tinham a função de interpretar a vontade divina expressa pelos fenômenos da natureza. Além deles, temos também os arúspices, que são de origem etrusca, e praticavam a adivinhação consultando as entranhas dos animais.

Já em relação aos cultos, precisamos diferenciar as práticas de caráter público das realizadas no ambiente privado. Nos dois casos, os deuses recebiam sacrifícios e oferendas. Para as divindades Lares e Penates, do culto doméstico, eram ofertados alimentos, flores e animais. Outro tipo de cerimônia privada eram os chamados cultos de mistérios, com origem nas religiões orientais, como os ritos de adoração feitos à Ísis e a Mitra.

Nas cerimônias públicas, os rituais diferiam de acordo com a ocasião e com o deus específico que estava sendo homenageado. Havia cerimônias para os tratados de paz ou de guerra, ritos de passagem, de proteção aos campos, de fertilidade, que eram realizadas pela figura do sacerdote. Além disso, no período imperial tivemos também o estabelecimento do culto aos imperadores divinizados. Havia também diferenças regionais entre os cultos, algumas divindades eram mais relacionadas a uma determinada cidade do que à outra<sup>17</sup>, como, por exemplo, Vênus, que era protetora de Pompeia, como veremos a seguir.

---

<sup>17</sup>MOMMSEN, T. *Historia de Roma*. Buenos Aires. 1953.

Por fim, vale ressaltar que a punição aos criminosos era ainda outra maneira pela qual os romanos acalmavam e se relacionavam com os seus deuses. Embora sacrifícios humanos fossem raros, temos o exemplo neste aspecto das lutas de gladiadores, que foram oficialmente estabelecidas em 264 a.C. Elas podem ter começado como sacrifícios aos deuses, mas acabaram por se tornar espetáculos grandiosos e profissionais e são, até hoje, um dos maiores ícones da cultura romana.

Vimos, então, que a religião romana era sincrética. Essa característica, embora tenha trazido contribuições positivas para a sua cosmogonia, também significou o estabelecimento de elementos monoteístas judaico-cristãos em Roma que, depois de inúmeros embates ocorridos durante séculos, acabaram por se sobressair aos cultos pagãos. Contudo, como o presente material didático é dedicado à religiosidade pagã, optamos por fazer um estudo de caso a partir da cidade de Pompeia, que apresentaremos a seguir.

## A Cidade de Pompeia - breve histórico<sup>18</sup>

A cidade de Pompeia localiza-se na região da Campânia, cerca de 250 km de Roma, próxima da bacia de Nápoles e à foz



do rio Sarno, ao sul da Península Itálica. Os primeiros materiais nela encontrados datam entre os séculos VIII e VI a.C. e são tanto de origem grega quanto etrusca, o que sugere que esses dois povos dominaram a cidade até a chegada dos Samnitas, no final do século V a.C. Durante as guerras samníticas (393 – 290 a.C.),

---

<sup>18</sup> A referência bibliográfica usada como base para a elaboração do material sobre o histórico de Pompeia, assim como o histórico de suas escavações foi a dissertação de mestrado de Pérola Sanfelice, veja: SANFELICE, Pérola. *As Representações Parietais de Vênus em Pompeia Durante o Império Romano*. 2009. 71 p. Dissertação financiada pela Capes, Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba; disponível online em <[http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2\\_sem\\_2009/perola\\_paula\\_sanfelice.pdf](http://www.historia.ufpr.br/monografias/2009/2_sem_2009/perola_paula_sanfelice.pdf)>, acessado em dezembro de 2015.

entre Roma e os Samnitas, Pompeia aliou-se a Roma e também o fez durante as Guerras Púnicas. Por volta do século II a.C., Pompeia havia se tornado uma cidade muito próspera, investiu muito de sua riqueza em residências e urbanismo, e graças ao seu longo trabalho conjunto com Roma ao longo dos anos, tornou-se oficialmente uma colônia romana no ano de 89 a.C. Pompeia pareceu, desde então, gozar de grande prosperidade, até que um desastre natural a removesse do mapa durante muito tempo: na noite do dia 24 para o dia 25 de agosto de 79 d.C., a erupção do vulcão Vesúvio, que se situava bem próximo à cidade, cobriu Pompeia de cinzas, lava e gases venenosos, matando cerca de duas mil pessoas e deixando a cidade soterrada por material vulcânico, até que ela fosse descoberta e escavada pelas primeiras vezes entre os séculos XVII e XVIII.

## **Escavações em Pompeia desde sua descoberta**

A cidade de Pompeia é especialmente importante para a arqueologia. Tal se deve ao fato de, segundo a historiadora Pérola Sanfelice, que

A cidade que vemos agora, com suas casas, monumentos públicos, ruas, muros, lápides, extensamente preservados é uma

remanescência daquele fatídico dia de Agosto no qual teve sua existência abreviada. Muitos descreveram e ainda descrevem Pompeia como se tivesse sido selada em uma cápsula do tempo, paralisada em 79 d.C., preservando, tal como era, o estilo e o modo de vida romano. (...). Soterrada por material vulcânico, Pompeia guardou consigo ricos detalhes do cotidiano de seus habitantes, preservando para a posteridade aspectos da vida romana e das particularidades regionais construídas nesses locais.<sup>19</sup>

Se por um lado a cidade de Pompeia permaneceu como “congelada” tal como estava no momento da erupção do Vesúvio, por outro lado a sua escavação, e as construções históricas e ideológicas que foram produzidas a partir de sua investigação variaram muito com o passar dos anos desde sua descoberta, de modo que compreendê-las resulta muito importante, já que é por meio das escavações e suas respectivas construções históricas que conhecemos a cidade de Pompeia em si.

As primeiras descobertas de Pompeia ocorreram entre os anos de 1592 e 1600, com a descoberta de um aqueduto que saía do rio Sarno, e suas primeiras escavações foram feitas

---

<sup>19</sup>SANFELICE, P. *Idem, ibidem*, p. 43.

sumariamente com o propósito de coletar materiais considerados como obra de arte. Em 1689, uma escavação em busca de água na região achou, por acidente, algumas inscrições que faziam referência à cidade de Pompeia. Um oficial da cavalaria do império austríaco, que acabara de conquistar Nápoles e o Sul da Itália, soube da existência da cidade e deu início a um empreendimento que durou sete anos, realizado por meio de túneis, na cidade de Pompeia. Entretanto, a cidade só começou a ser desenterrada em 1763 e, alguns materiais considerados de menor importância, foram destruídos.

Foi somente a partir de 1765, sob a direção de Francisco de La Vega, que houve uma maior preocupação em preservar a cidade e evitar a retirada de estruturas arquitetônicas dela. Durante o domínio francês da região (1799 – 1815) muito foi feito pelas escavações, principalmente por causa do interesse pessoal de Napoleão. Durante esse tempo, a rainha Caroline encomendou a produção de um catálogo, intitulado *Les Ruines de Pompéi*, que compreendia os desenhos e registros de descobertas feitas até então da cidade. Entretanto, depois da restauração do domínio borbônico na região (1815 – 1860), o avanço nas escavações foi menor, parcialmente por causa da polêmica que era gerada em torno de objetos e desenhos

considerados de cunho sexual, que, devido ao seu caráter, foram transferidos para o Museu Real Bourbonico e lá permaneceram sob acesso restrito.

Após a Unificação da Itália em 1860, Alexandre Dumas, diretor do que passou a se chamar Museu Nacional de Nápoles (antigo Museu Real Bourbonico) reabriu ao público o Gabinete Secreto, que continha as obras consideradas obscenas. O superintendente de Pompeia, Giuseppe Fiorelli, em 1863 publicou uma extensa obra de catálogos dessa coleção “secreta”, que continha inclusive obras que já não existem mais. Fiorelli implementou nas escavações alguns métodos científicos, que permitiam escavar preservando melhor outras estruturas e desenvolver moldes em gesso de seres humanos, animais e plantas.

Mesmo com todo esse cuidado nas escavações, foi somente no século XX que pinturas, ânforas e outros objetos passaram a ser deixados aonde foram encontrados, o que, segundo Sanfelice, “possibilitou o estudo dos materiais em seu próprio contexto, relacionando-os com os cômodos, circulação de indivíduos, auxiliando a compor uma interpretação conjunta dos significados simbólicos de todo o material descoberto”.

Durante a Primeira Guerra as escavações foram interrompidas, sendo retomadas sob a superintendência de Amedeu Maiuri, que dirigiu as escavações até 1961. Num contexto fascista, a cidade de Herculano (que fora soterrada na mesma erupção) foi transformada num museu a céu aberto, sendo que cerca de cinquenta por cento das estruturas que ela apresenta foram construídas na década de 1930. Segundo Sanfelice, “Maiuri almejava, portanto, apresentar uma visão real da vida em uma cidade romana no período imperial, e, assim, fomentar uma imagem do passado inteiramente de acordo com a ideologia fascista e seu discurso de Romanidade”<sup>20</sup>. Após a queda do fascismo, outros superintendentes deram continuidade às escavações até os dias atuais.

## **Religiosidade em Pompeia**

Com o legado que nos deixou, Pompeia nos brindou com uma visão diferente daquela das diversas fontes escritas de seu período. Se por um lado temos muitos escritos sobre a religiosidade romana, cujos autores foram os mais variados – Políbio, Estrabão, Cícero, Varrão, Sêneca, Júlio César, Apuleio,

---

<sup>20</sup> *Idem Ibidem*, p. 54.

entre outros –, e que ofereceram um ponto de vista aristocrático dos assuntos dos quais tratam, por outro lado, ora corroborando com ora contrapondo-se a estas fontes, temos a cultura material, da qual Pompeia é um riquíssimo exemplo, que nos mostra, portanto, a religiosidade de seus habitantes desde um ponto de vista da sociedade como um todo, em seu sincretismo e pluralidade. Por meio da arqueologia de Pompeia, é possível procurar entender como a religião influenciava a vida das pessoas em seu cotidiano, nos seus aspectos mais práticos e sair do ambiente dos estudos que são centrados apenas nas elites, podendo relacionar os mais diversos setores sociais com o divino.

É por essa razão, conforme mencionado, que o presente material dedica atenção a essa cidade romana. A seguir, apresentaremos uma lista de deuses e deusas nela cultuados, o contexto arqueológico de seus templos, bem como discutiremos alguns aspectos dos ritos e o cotidiano religioso de Pompeia. Cabe ainda ressaltar que, para facilitar, ao final, apresentamos um mapa da cidade com os pontos mencionados assinalados.

## Deuses e Deusas



## Apolo<sup>21</sup>

Filho de Zeus e Leto, Apolo era um deus grego especialmente associado aos arqueiros, à medicina, à profecia e à poesia, além de outras coisas dependendo do culto ofertado a ele ou um de seus aspectos. Dentre esses, alguns envolviam o



sol, o tempo, a beleza, as doenças ou a música como parte de seus domínios também. Os pedidos vinculados a ele geralmente estavam ligados a um estado de saúde ou doença, inspiração profética ou artística e proteção contra iminentes forças malignas.

Dentre os deuses que eram cultuados nos arredores dos mares Egeu e Adriático, Apolo era com certeza um dos mais influentes. Seus cultos em Pompeia são ainda pré-romanos, mas mantiveram-se firmemente lado a lado com os deuses cultuados pelos romanos e pelos estrangeiros até o ano da erupção do Vesúvio, em 79 d.C. Essa divindade era associada à entidade

---

<sup>21</sup> Todas as imagens referentes aos deuses foram retiradas da obra: MENARD, René. *La Myhologie dans l'art ancien et moderne*. Paris: Librairie Delagrave. 1880. 2a edição.

romana Febo, filho de Júpiter e Latona, mas diferentemente de outros deuses, seus cultos em Pompeia adotavam preferencialmente o nome grego e seus aspectos: Apolo Sol, Apolo Médico, Apolo Maleata e Febo Apolo.

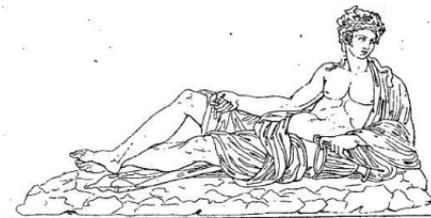
O edifício denominado Templo de Apolo, localizado junto ao Foro de Pompeia, é datado do século VI a.C., embora não fosse ainda associado a esse deus, mas a uma divindade feminina, tendo indícios de que seria Ceres. O templo teria passado por várias reformas até o século II a.C., quando adquiriu a forma com a qual foi destruído e encontrado nas escavações arqueológicas. Nesse período, fontes indicam que já estaria certamente vinculado ao deus Apolo, mas também conteria estátuas da deusa romana Diana, irmã gêmea de Febo. Ambos foram retratados como arqueiros, reforçando o caráter em comum dessa área de influência.

Apolo talvez não fosse relacionado ao culto imperial diretamente, como Júpiter, mas muitas das reformas em seu templo foram feitas com dinheiro público, demonstrando a importância que os romanos davam ao seu culto. Doações foram realizadas ao templo por homens de influência no cenário político para aumentar seu prestígio, resultando num edifício com características gregas e itálicas.

Estátuas e outras representações de Apolo são encontradas em várias partes da cidade em locais públicos, como por exemplo, os afrescos nas regiões da Via dell'Abbondanza. Sua participação em diversos cultos domésticos ou familiares foi constatada ainda no início das escavações em Pompeia, inclusive como deus patrono de alguns deles.

## Baco

Filho de Júpiter e da princesa Semele, uma mortal, associado a diversos âmbitos da vida cotidiana em Pompeia e largamente adorado entre seus habitantes, dentre os domínios de Baco, destacavam-se a fertilidade, a reprodução e o ciclo da vida, além das populares atribuições do vinho, da música e da folia. Associado à divindade grega Dionísio, o nome Baco teria surgido posteriormente, embora ambos os nomes fossem



encontrados nos cultos em Pompeia. Ele é um exemplo dos pouquíssimos deuses que já eram cultuados na

região antes da chegada dos romanos, no século II a.C., juntamente com Apolo, Hércules, Minerva e Vênus, mantendo-se ativamente adorado até a erupção do vulcão em 79 d.C.

Em Sant'Abbondio, na região sul de Pompeia e fora de suas muralhas, havia um templo onde Baco era associado a um deus local da Península Itálica, chamado Liber. Esse deus era especialmente ligado à liberação das inibições humanas, o que resultava em um culto bastante associado com a embriaguez e a promiscuidade, tendo atestada popularidade com o número de símbolos ou estatuetas relacionadas com ele, geralmente também junto a Príapo. O culto doméstico a Baco era extremamente comum devido ao grande número de seus signos encontrados nas casas de diferentes regiões de Pompeia, como patrono de famílias e comunidades.

O Templo de Baco em Sant' Abbondio foi construído utilizando de uma arquitetura dórica clássica provavelmente no século III a.C., contendo representações do Deus logo no pórtico da entrada, com uvas e uma taça de vinho, acompanhado de uma pantera e uma figura feminina – provavelmente Vênus ou Ariadne. No período romano, é aceito que foram introduzidos ao templo outros elementos, como um par de triclinios – em latim, *triclinium* é uma estrutura formada por uma mesa baixa rodeada

por três sofás – provavelmente construído para os dias de festividades. Festas organizadas nesse templo possuíam um caráter bastante ligado ao estreitamento de vínculos sociais.

Apesar de seu próprio templo, a retratação de Baco era tão comum em Pompeia que havia uma estátua no Templo de Ísis em que ele era representado como Osíris, deus egípcio do ciclo da vida e da morte. Sua mais famosa representação, no entanto, se encontra na Casa do Centenário, onde o *lararium* – altar de cultos domésticos – contém uma pintura mural de Baco e o Monte Vesúvio.

Baco também está nos afrescos da Vila dos Mistérios, nos quais a sucessão de imagens sugere evidências de um culto misterioso, com profunda participação feminina. Apesar de existirem várias teorias sobre o que estaria sendo retratado nesses afrescos, não há suficiente sustentação para nenhuma delas.

## **Diana**

A deusa Diana, segundo a mitologia latina, seria filha de Júpiter e Latona e gêmea de Febo, mais conhecido como Apolo. Uma das histórias mais conhecidas desta deusa narra que

Actéon, filho do rei de Cadmo, teria, após uma caçada, surpreendido Diana em seu banho na fonte de uma gruta. A deusa transformou Actéon em um cervo e sua ira se aplacou somente com a morte dele. No entanto, Diana não é tida como uma deusa totalmente má, mas, como os humanos, e esta é uma



característica das culturas pagãs, possui o bem e o mal em si.

Diana é considerada como deusa da lua, da caça – comumente representada como

uma caçadora – e da virgindade ao mesmo tempo em que era uma deusa do parto. É necessário ressaltar que em uma sociedade na qual o risco de uma mulher morrer ao dar a luz é muito alto, deusas da fertilidade e do parto possuem grande influência e seguidores. Devido a estas características, Diana, assim como Juno, é valorizada como patrona das mulheres. Seu atributo de caçadora também reflete as práticas da sociedade que

a cultuava, pois era comum que caçadores pedissem sua permissão e proteção para caçar.

Apesar das discordâncias historiográficas quanto à origem de Diana, que afirmam em geral que a deusa seria de origem grega, uma apropriação de Ártemis, estudos mais recentes afirmam que Diana teria surgido na região de Aricia, entre Roma e Nápoles, onde foram encontrados os primeiros vestígios de seu culto. Em Roma, sua presença foi estabelecida por Servius Tullius e a deusa passou a ser cultuada no Monte Aventino. Existia também um festival em sua honra que acontecia anualmente na metade agosto. Posteriormente, com a intensificação do contato entre povos, de fato, Diana e Ártemis serão aproximadas.

Em Pompeia, especificamente, não foi encontrado um templo exclusivo para ela, no entanto, estátuas de bronze foram descobertas no templo de Apolo, como já mencionamos. Estas estátuas representavam a deusa na forma de uma arqueira. Além disso, existem pinturas murais na Via dell'Abbondanza e uma estatueta na Casa do Moralista.

Posteriormente, muitas culturas diferentes irão se apropriar da imagem de Diana, seja para representar a virgindade como no Renascimento e no século XIX, ou mesmo

para associá-la, por se tratar de uma deusa da lua, com práticas ocultistas. Também a rainha da Inglaterra, Elizabeth I no século XVI vinculará sua imagem, como a rainha virgem, à deusa.

## Esculápio

Equivalente ao deus grego Asclépio, filho do deus Apolo e da mortal Côronis, conta-se que Esculápio tornou-se deus da dos médicos e da cura após ser salvo do ventre da mãe na pira funerária por seu pai, e levado por ele ao centauro Quíron para ser seu aprendiz. Tornando-se rapidamente mais habilidoso que seu mestre em curar enfermos, acreditava-se que seu poder



improvável.

podia fazer um morto voltar à vida, tornando-o extremamente popular entre aqueles que imploravam por uma fonte divina de cura quando ela parecia

Em Pompeia, no chamado Templo de Júpiter Melíquios, foi encontrada uma estátua masculina inicialmente atribuída a

Júpiter, mas posteriormente indicada como representação de Esculápio. Nesse pequeno templo, também outras estátuas foram encontradas, as quais estariam representando Juno e Minerva. É provável que graças a essa figura de Juno, a imagem masculina teria sido associada a seu marido, Júpiter. Ainda assim, para alguns estudiosos Esculápio foi vinculado ao deus maior do Estado romano em mais de uma oportunidade, podendo estar representando ambos, inclusive.

Reinterpretações das fontes sugerem que uma das estátuas femininas seria na verdade a deusa romana Salus, deusa da saúde e da higiene e filha de Esculápio, reforçando o caráter de que esse seria um templo ao deus dos médicos. Apesar de não serem encontradas tantas evidências de seus cultos públicos em Pompeia, Esculápio era certamente popular na região devido ao seu cunho de caráter utilitário. Teorias também sugerem que ele não seria muito encontrado em altares domésticos por estar associado mais à cura do que à prevenção de doenças.

O principal símbolo de Esculápio é o seu bastão, no qual uma serpente está firmemente enrolada. A cobra está relacionada à atividade médica desde tempos mais antigos, graças a elementos como a troca de peles – representando a cura e o rejuvenescimento. Por esse motivo, o Bastão de Esculápio

foi amplamente associado à medicina, sendo por muitas vezes confundido com o Caduceu de Mercúrio.

## Fortuna

A deusa Fortuna é, provavelmente, fruto de um sincretismo etrusco-romano. Alguns elementos dos seus cultos levam a crer que também tenha origens no Antigo Oriente, mais especificamente no Chipre. O fim da presença etrusca na Península Itálica coincide o com o fim do carácter oracular da deusa, discutido a seguir. A Fortuna era uma divindade muito complexa e plural – dependendo do local de culto e de suas demandas, recebeu mais de noventa epítetos (como Fortuna Augusta, Fortuna Publica, etc), e em cada um deles desenvolveu características específicas. Durante o período republicano, alguns elementos dos cultos à deusa grega Tique foram incorporados ao seu – alguns estudiosos chegaram a dizer que Fortuna “tornou-se” Tique no período imperial. Darius



Arya, entretanto, aponta que essa visão acaba por obscurecer a singularidade de Fortuna.

Para os povos latinos, as divindades oraculares eram aquelas que podiam ser ouvidas por meio da natureza - no crepitar do fogo, no farfalhar das folhas ou nos movimentos dos animais. Algumas pessoas específicas tinham a habilidade de interpretar esses sinais e estabelecer uma ponte entre essas entidades e aqueles que a cultuavam. A maioria dessas divindades eram deusas – acreditava-se que as mulheres tinham uma predisposição para a adivinhação natural. Essa associação se deve à ideia de que a mulher era mais suscetível às emoções do que homens (estes mais próximos da razão). Também por esse motivo a veneração à Fortuna era algo reservado às mulheres. Era inadequado um homem cultuar a Fortuna, uma mulher não - a mulher seria um ser passivo cujo destino é, de fato, determinado pela sorte.

A deusa Fortuna, assim como a deusa Juno (que será tratada mais adiante), possuiu essa função oracular antes de fazer parte do panteão romano de deuses. As práticas oraculares certamente não agradavam o senado de Roma, por remeterem a uma religiosidade não autóctone. Ainda assim, a prática nunca foi proibida – durante a República, mecanismos de controle

desses cultos foram criados para submetê-los, mas não fechá-los.

Além de oráculo, a deusa tinha a importante função de divindade fecundante - não só ajudava na concepção como protegia a mulher parturiente e as crianças. Tácito conta como Nero ordenou que imagens de ouro da Fortuna fossem colocadas no trono de Júpiter Capitolino no momento em que sua filha Cláudia Augusta iria nascer (Tácito, *Annales* XV, 23, 2).

Em Pompéia, Marcus Tullius construiu um templo em homenagem à Fortuna Augusta em 3 d. C. ou antes. Este ficava em um local privilegiado na cidade, no cruzamento de duas vias importantes. A Fortuna também podia ser encontrada em vários altares domésticos (*lararia*).

## **Hércules**

Deus da força e do heroísmo, filho de Júpiter e patrono dos empresários, Hércules é o fundador mítico de vários povoamentos na região como, por exemplo, Herculano, que foi nomeada em sua homenagem. Próxima de Pompeia, esta cidade encontrava-se do outro lado do Monte Vesúvio, embora isso não tenha impedido a destruição da mesma pelo vulcão. Segundo

evidências arqueológicas, Hércules seria uma das divindades mais importantes antes do período de presença romana no local. Há registros de seus cultos na região desde o século VI a.C, juntamente com alguns deuses de origem grega, como Apolo. Entretanto, não há relevantes evidências da presença de outras formas de religiosidade envolvendo outras divindades nas proximidades até meados do século IV a.C.

Na região de Pompeia localizava-se, nas margens acima do Rio Sarna, em uma destacada posição, o denominado Templo Dórico. Construído por volta do século VI a.C, este é o primeiro



lugar onde se encontraram elementos do culto a Hércules. Nele, estatuetas sugerem que este edifício também seria dedicado à deusa romana Minerva – associada diretamente à divindade grega Atena -, o que provavelmente influenciou em sua arquitetura, marcada por características gregas e, como o próprio nome sugere, dóricas. Pinturas encontradas em paredes entre a Via dell'Abbondanza e o templo contém inscrições fundamentando teorias de que seu culto era amplamente disseminado, articulando-se com o fato de que este

templo podia ser avistado por qualquer viajante ou comerciante que se aproximasse de Pompeia tanto pelo rio quanto pelo mar.

Nas escavações arqueológicas ficou evidente que numerosos altares das casas possuíam imagens de Hércules, como era habitual nos lares que adotavam deuses pessoais ou familiares para serem patronos de suas residências e negócios. Por vezes, uma divindade poderia ser representada como outra, o que era especialmente comum em Pompeia. Uma das associações mais frequentes de Hércules com outros deuses era feita com Mercúrio sendo, provavelmente, por esse motivo que foram encontradas várias de suas imagens em construções diretamente ligadas ao comércio, como residências de mercadores ou muros nas ruas de maior circulação de pessoas e maior atividade mercantil.

## **Ísis**

Ísis é uma deusa de origem egípcia cuja lenda a relaciona com ideias como a ressurreição e vida eterna, assim como patrona dos marinheiros. Na mitologia, depois de Seth enganar Osíris e jogá-lo no rio Nilo em uma caixa na esperança de que

este morresse, Ísis salva seu esposo que é, em seguida, esquartejado por Seth. Os pedaços de Osíris são espalhados por todo o Egito, porém, mais uma vez, é Ísis quem o recupera e, ao mumificar seu corpo, o ressuscita.

A princípio, pode parecer estranho que uma deusa egípcia tão antiga seja cultuada no mundo romano, mas esta realidade demonstra que as culturas não eram estáticas e o contato com outros povos propiciava um intercâmbio cultural que muitas vezes se traduzia na forma de novas religiosidades. De fato, Ísis já era cultuada pelos gregos, sendo associada à Afrodite, Deméter e Ártemis, antes de ser incorporada no panteão romano por volta do século II a. C. Posteriormente será vinculada a todas as mulheres e seu culto a proclamará como deusa única e unitária ainda que com diversas faces, a mãe, a esposa e, também, a bruxa e a feiticeira.

Segundo Vanessa Fantacussi culto a Ísis se transformou ao longo do tempo, mas algumas características como a purificação pela água, associada à cura, e a utilização de vestes de linho pelos sacerdotes eram comuns em



diversas regiões. A Ísis era dedicado um festival realizado por volta do quinto dia de março, o *Navigium Isidis*, no qual era celebrada a abertura do período das navegações. Pompeia, como cidade portuária também sediava este festival.

Em Pompeia, o culto isíaco era bastante forte, pois, além de sediar o festival, a cidade possuía um templo dedicado a Ísis construído no século II a. C.. Depois do terremoto que assolou Pompéia pouco antes da erupção do Vesúvio, o templo foi inteiramente reconstruído pelo filho de um liberto de uma importante família de Pompeia. Ademais, foram encontradas estatuetas em altares domésticos e pinturas murais com motivos egípcios como, por exemplo, um sacerdote egípcio pintado na casa dos Cupidos Dourados.

Ulteriormente, o cristianismo se utilizará da imagem de Ísis com seu filho Hórus no colo como modelo para as representações de Maria e o Menino Jesus.

## **Juno**

Juno (sua equivalente grega é Hera) seria a deusa suprema, ou rainha dos deuses. Esposa de Júpiter (na mitologia

grega, Zeus), é a representação divina da mulher casada, protetora das matronas durante o parto, e em Roma também era cultuada pelas moças que chegavam à puberdade. Em Pompeia, se encontrava no Capitólio, pois compunha a tríade capitolina clássica, junto de Minerva e Júpiter.

No período monárquico, Juno possuía dotes oraculares, cujos ecos podemos observar na tradição romana. Como na trajetória da Fortuna, esse tipo de culto foi parcialmente suprimido pelos romanos. Porém, enquanto a Fortuna recebe cada vez menos atenção e a figura de Tiques se sobrepõe sobre

ela, Juno continua sendo uma deusa muito importante, relacionada à virtude moral e adaptada às demandas do período imperial.



Plutarco conta um episódio no qual a deusa salva os romanos de uma emboscada, em 390 a.C. Roma estava tomada pelos gauleses, e boa parte da população buscou abrigo no Capitólio. Os inimigos se aproximaram para atacar em silêncio, a ponto de que nem os vigias nem os cães perceberam. Somente os gansos que eram criados no templo de Juno, e que mesmo em condições de sítio foram mantidos vivos

em respeito à deusa, notaram os gauleses e alertaram os romanos a tempo. Para celebrar o episódio, realizava-se em Roma uma festa chamada *supplicia canum*, na qual cães eram sacrificados pela sua falha e gansos eram decorados com ouro e púrpura, e levados em procissão.

A forma da deusa Juno de prever acontecimentos, portanto, não é por meio de oráculos, mas por formas mais sutis de advertência. A observação das aves era uma prática de *auguratio*, uma comunicação com deuses próprio da religiosidade romana. Quando Roma importou cultos à Juno de outras localidades, como a Itália, suprimiu o caráter divinatório da deusa. Em outras cidades, entretanto, esse tipo de culto pode ter tido continuidade.

## **Júpiter**

Divindade suprema patrona e protetora não só de Roma, como também de suas leis, Júpiter era o deus do dia e dos céus. Como práticas de culto, *Jupiter Optimus Maximus* (“Júpiter o melhor e maior”) era a divindade a quem se dedicavam orações e rituais de sacrifício no início de cada ano.

Embora fosse honrado como patrono e deus supremo, suas práticas de culto raramente se davam no ambiente privado.

O templo desse deus era dividido com outras duas divindades: Juno e Minerva, tendo o grupo recebido a alcunha de “Triade Capitolina”. A partir da expansão do território do Império Romano além dos Mares Egeu e Adriático, os templos da “Triade Capitolina” se espalharam por suas diversas províncias. O primeiro templo de Júpiter foi construído na região de Pompeia por volta do século II a.C. - mais precisamente, entre os anos 150 e 120. Seu templo compartilhado representava o centro da vida política romana, por se tratar do local no qual se conservavam os registros das alianças e tratados realizados.

Tal edificação, situada ao extremo setentrional do Foro, teria sido construída em solo virgem e, provavelmente, a partir de financiamento público, algo que denota a importância dada ao culto desta divindade. Por volta do



século I a.C. passou por uma reforma e transformou-se em capitólio. O edifício possuía mosaicos e pinturas em seus muros, contando com três câmaras internas, cada uma dedicada respectivamente às divindades do templo, elevadas por um pódio de acesso a partir de uma escadaria frontal.

Durante escavações realizadas no século XVIII, encontrou-se uma estátua gigantesca de Júpiter, porém nenhuma outra escultura de culto. Por encontrarem diversos fragmentos de estatuetas especulou-se que o templo havia entrado em desuso por volta de 79 a.C. Porém, também se acredita que o material encontrado nas escavações está relacionado aos abalos sísmicos que foram seguidos pela erupção do vulcão Vesúvio.

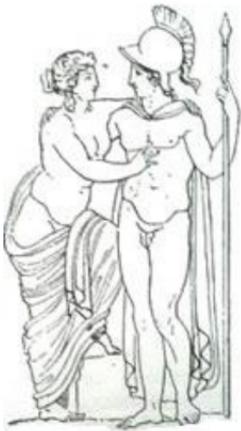
Além de tais vestígios, em diversos pontos da cidade foram achadas inscrições dedicadas a Júpiter em semelhança com as de seu templo, como em muros nas fachadas de edificações na Via dell'Abbondanza e nos altares de algumas casas, como por exemplo a Casa dos Cupidos Dourados.

## **Marte**

Marte, ou Ares, isto é, *o Bravo* na Grécia, era filho de Júpiter e Juno. Em Roma sua origem é diferente, Juno com

ciúmes de Júpiter por este ter concebido Minerva com Métis, recorre a deusa Flora, a qual orienta que Juno encontre uma flor nos Campos de Ólen, com a flor tornaria-se mãe instantaneamente, deste modo concebe Marte.

Segundo Commelin, suas representações nas artes são uniformes, geralmente está armado com capacete, lança e escudo. Devido ao traje comumente usado, embora não apenas por este motivo, o mesmo autor, assim como René Ménéard, aponta para Marte como sendo o deus da Guerra. Portanto, esta é uma explicação do motivo de muitas representações do deus serem acompanhadas da deusa Vitória.



Commelin defende que os poetas Homero e Ovídio dão a Marte muitas mulheres: “Com Vênus teve dois, Deimos e Fobos, (o Terror e o Receio), e uma filha Hermíone (...) De Réia, teve Rômulo e Remo”. Em representações de batalha está junto de Belona – a personificação da Chacina. Mesmo acompanhado de muitas mulheres nas representações da antiguidade, na atualidade sua companheira mais lembrada é Vênus.

Em Roma era muito idolatrado. A partir do reinado de Numa (753 a.C. – 673 a.C.), segundo Commelin, seu culto tem certo prestígio, pois sacerdotes escolhidos pelos patrícios formavam uma espécie de grupo, os Sálíos, incumbidos de guardar os *ancilia* – escudos que teriam caído do céu, então por este motivo sagrados. Em março, mês de Marte, os Sálíos percorriam a cidade Roma conduzindo os escudos e efetuando danças guerreiras, com movimentos frenéticos e animados.

Em Pompeia não foram encontradas marcas de um templo exclusivo para Marte, no entanto, isto não significa que não existia. A erupção do Vesúvio somada com tremores de terra podem, ao longo do tempo, ter destruído seus templos. A partir de estudos arqueológicos foram encontradas pinturas com representações de Marte, sendo em localidades privadas os casos citados por Joanne Berry – a saber, Casa de Marcus Lucretius Fronto e Casa de Vênus na Concha. Pérola de Paula Sanfelice traz em sua dissertação de mestrado um catálogo com, tirando as já citadas acima, nove imagens de Marte encontradas nas paredes de Pompeia, nestas o deus está a sempre associado com Vênus. Por fim, não foram encontrados templos exclusivos para Marte, mas como contamos com inúmeras imagens resgatadas

por pesquisa arqueológica, podemos, deste modo, ressaltar a importância de Marte no cotidiano da cidade.

## Mercúrio

Mercúrio ou Hermes nasceu da união de Júpiter com Maia, deusa muito associada ao nascimento dos seres vivos. Foi deus das viagens e dos viajantes, também era relacionado com o sucesso comercial e com a abundância, sendo considerado o senhor dos comerciantes. As imagens de Mercúrio, as que chegaram até nós, foram localizadas nas entradas de tendas



ilustrando seu caráter comercial. Em certos casos está associado com outros deuses, um deles é Hércules. Sua imagem é comumente representada vestindo um chapéu de asas – demonstrando sua qualidade de viajante – e sandálias. Leva consigo um caduceu (haste pontiaguda com serpentes entrelaçadas), atualmente utilizado como símbolo do curso de Ciências Contábeis.

De acordo com René Menard, o caduceu tem uma origem mitológica, “Mercúrio, vendo duas

serpentes que se batiam, separou-as com sua vareta, em torno da qual elas se entrelaçaram”. Para o autor, esta efabulação representa o comércio realizado legalmente e também de forma ilegal , deste modo o deus traria o equilíbrio para todas as relações comerciais. O mesmo autor, a partir de outras representações, considera Mercúrio um deus com diversas funções: leva aos deuses as preces dos homens, é um guia da passagem da vida para morte, deus da eloquência, dos tratados e ginásios – de modo geral, pode ser definido como deus das transações e das trocas.

Na cidade de Pompeia não é encontrado templos exclusivos para Mercúrio. No entanto, isto não significa que não existiam, como já comentamos, desastres naturais somados com o peso do tempo podem ter destruído os templos deste deus. Algumas inscrições, como sugere Joanne Berry, corroboram para existência de cultos para Mercúrio. Trabalhos arqueológicos mostram a existência de pinturas em entradas de casas, tendas, comércios e altares domésticos.

## Minerva

Minerva é a deusa romana da guerra, da sabedoria, da medicina, do comércio, do artesanato e é a patrona do Estado Romano. Em sua origem, os historiadores argumentam que esta deusa era essencialmente relacionada à memória e à mente, mas devido à associação entre Minerva e Athena é difícil separar quais atribuições eram exclusivas de uma ou outra deusa. O que se pode afirmar é que Minerva era a deusa das atividades envolvendo habilidades intelectuais, o poeta Ovídio a invoca em seu poema *Fasto* (*Fasti* em latim), ressaltando nessa sua característica. Ela também está na tríade Capitolina composta por Juno e Júpiter, conforme já mencionamos, configurando-se como uma das mais poderosas dentre os deuses do mundo romano. Também é considerada uma deusa virgem assim como Diana e Vesta.



Por causa da vinculação entre Athena e Minerva, as lendas que as envolvem também se mesclaram a ponto de não podermos diferenciar uma cultura de outra. Assim, seu mito de

origem mais conhecido é de que havia uma profecia na qual a filha de Júpiter e Métis seria mais poderosa que o pai. Júpiter engana Métis e a engole para impedir que a profecia se realize. No entanto, meses depois, Júpiter sofre de uma violenta dor de cabeça e pede que Vulcano o ajude. Vulcano por sua vez abre a cabeça do deus de onde Minerva sai adulta completamente vestida e segurando um escudo.

Minerva dividia o festival *quinquatrus* com Marte e representava os professores e alunos que, após o término das festividades, iniciavam um novo ciclo de estudos. Também os artesões e todos os profissionais que possuíam como patrona esta deusa. Celebrado no fim de março, o festival foi com o tempo prolongado para cinco dias de duração incluindo sacrifícios em honra à fundação dos templos e lutas de gladiadores. Em junho acontecia um pequeno *quinquatrus* com três dias de duração, celebrado por flautistas em Roma que iam até o templo de sua patrona realizar a adoração.

Em Pompeia, Minerva era adorada no Capitólio e no Templo Dórico que, como já mencionado, também era dedicado a Hércules, construído no século IV a. C.. Este templo possivelmente já se encontrava em ruínas quando ocorreu a erupção do Vesúvio, ainda assim, escavações trouxeram à tona

cerâmicas do século VI a. C. e pequenas figuras de terracota que representavam Minerva. Foram encontradas também inscrições em mármore na *Via dell'Abbondanza* e pintura mural na fachada de uma casa na via anterior.

## **Netuno**

Apresentando-se como aquele que é o deus dos mares e patrono dos que provém sua vida a partir deste, os marinheiros e grandes comerciantes, Netuno, filho de Saturno, era irmão de Júpiter, o senhor dos céus, e Plutão, senhor do submundo. Não há nenhuma evidência do culto a esse deus na Magna Grécia antes da chegada dos romanos – por volta do século II a.C. – nem sob o nome da divindade grega associada a ele, Poseidon.

Apesar disso, um possível templo a esta divindade se encontra no sul da cidade de Pompeia. A sua data exata de construção e destruição são desconhecidas, já que alguns indícios apontam que este edifício já se encontrasse em ruínas e sem condições de uso quando ocorreu a erupção do vulcão. Sua edificação, no entanto, certamente se deu em período ainda pré-romano.

Como as ruínas encontradas não possuem inscrições sobre os motivos pelo qual o templo teria sido construído, supõe-se que as atividades religiosas referentes a Netuno se davam nesse local graças a um registro presente em uma



pequena inscrição. Esse fragmento foi encontrado perto do litoral com centenas de pedaços de cerâmica, sugerindo a existência de um local próximo ao mar onde as preces a esta divindade eram realizadas.

Tal inscrição dedicada a Netuno foi escavada na região que corresponderia, atualmente, à localidade de Bottaro, e é um agradecimento ao deus por um indivíduo de Pompeia que fez uma viagem bem-sucedida. Em escavações realizadas entre os anos de 1975 e 1977, foram também achadas evidências de oferendas na mesma região, algo que corrobora para afirmarmos a existência de – pelo menos – uma forma de altar a Netuno situado no lado de fora das muralhas.

Acredita-se que tal local sagrado existiria ali desde os tempos da transformação de Pompeia em uma cidade portuária.

Isto salienta a importância desta entidade, mestre dos mares, para uma cidade com características econômicas calcadas em atividades marítimas. Alguns estudiosos dizem que o Templo Dórico também era um local de culto a Netuno, mas pouca ou nenhuma evidência foi encontrada para prová-lo.

## **Priapo**

Uma das dificuldades ocasionadas em escrever sobre Priapo, derivou do fato de que, por muito tempo, Priapo foi visto como um deus de baixo escalão. Estudos do século XIX e início do século XX, por muito tempo encobriram seu papel na vida dos romanos. João Ângelo de Oliva Neto, discorda dessa postura e se tornou o primeiro tradutor da Priapeia – conglomerado de poemas no qual a figura central é Priapo – no Brasil e, por essa razão, baseamos nossa descrição do deus na sua obra *Falo no Jardim. Priapéia Grega, Priapéia Latina*.

Para o autor, o culto a Priapo surgiu aparentemente no Século IV a. C. na Ásia Menor na cidade de Lâmpsaco, região da Trácia, atual Turquia. Pelos depoimentos que chegaram até nós, Priapo era filho de Afrodite e Dionísio. Nas representações seu pênis é de tamanho estrondoso, esta feição era vista como

uma punição a mãe por parte de Hera – protetora da união. Em outra versão, Priapo continuava sendo filho de Afrodite, porém agora com Zeus. Ainda Hera, irritada com o amor furtivo de Zeus e, temendo que a criança portadora da beleza da mãe e do poder do pai, colocasse em risco o equilíbrio dos deuses do Olímpo, busca manter a ordem tocando em Afrodite enquanto grávida e seu filho, Priapo, acaba nascendo com suas deformidades físicas. Afrodite assustada e temendo represálias pela singularidade física de seu filho, abandona-o nas montanhas. O deus é acolhido por pastores explicando, deste modo, sua característica humilde e rústica que viria a possuir.

Seu caráter divino é ligado à fertilidade e à abundância – por isso era comum sua imagem em jardins, hortas, pomares e vinhas. O falo ereto é indicativo de fertilidade. Para os romanos, esta disposição para o sexo era vista com bons olhos, pois ilustrava boa saúde.

No mote de trabalhar com a religiosidade em Pompeia, Pérola de Paula Sanfelice em sua dissertação de mestrado traz um catálogo com várias imagens de Pompeia, na imagem da ficha de número 18, temos Vênus semi nua acompanhada com uma representação de Priapo – os dois em composição fortalecem o caráter de fertilidade, neste caso muito ligado com

o desejo sexual. Esta é apenas uma das inúmeras imagens de Priapo que podem ser encontradas em Pompeia.

## Vênus

A deusa Vênus ocupa papel central na religiosidade da Roma Antiga. Em um dos mitos de origem de Roma, Enéias (cujo descendente seria Rômulo) era filho de Vênus. Na poesia ela é popular também – em *A Arte de Amar*, Ovídio ensina aos homens como conquistar suas amadas e, para isso, se apoia no exemplo do amor entre Vênus e Marte. A deusa é, então, muito associada às esferas afetiva e amorosa.



Porém, por meio da cultura material de Pompéia pode-se notar que ela estava associada a muitos outros elementos, como a prosperidade financeira, o comércio marítimo, a felicidade, a fertilidade, e outros. Vênus era a mais popular protetora da cidade de Pompeia – era a deusa favorita de Sila, general romano que em 89 a.C. conquistou a cidade. O grande templo de Pompeia era, provavelmente, dedicado a essa deusa – uma

construção monumental, visível a qualquer embarcação que se aproximasse da cidade, e é possível que tenha sido construído no mesmo local onde antes havia um templo para a deusa samnita do amor.

A popularidade de Vênus pode ser atestada, além do destaque de seu templo e seu papel na história da cidade, por meio do enorme número de pinturas e estátuas em homenagem à deusa – superavam a de qualquer outra divindade em Pompeia. Estas representações eram também bastante plurais: a deusa aparecia nua e vestida, em lugares públicos e em espaços domésticos, decorando casas da aristocracia e também citada nos grafites.

É por meio dos grafites que podemos saber mais sobre como o povo de Pompeia se relacionava com a deusa, como vivenciavam o culto à divindade em seu cotidiano. Em alguns casos, Vênus é chamada nas súplicas de amor – a ela se pede sucesso nas paixões, ou ela é responsabilizada por uma decepção amorosa. A deusa possui papel ativo no desenrolar das trajetórias amorosas daqueles que a cultuavam. Outro uso interessante da figura da divindade é a beleza da deusa como referencial para a beleza das humanas. Os autores dos grafites comparam a aparência de suas amantes com a de Vênus,

chegando a dizer que as duas se confundem. Analisando os grafites, descobrimos uma deusa íntima e humanizada, como o exemplo:<sup>22</sup>

QVISQVIS A M A T VENIAT VENERI VOLO FRANGERE COSTAS  
FVSTIBVS ET LYMBOS DEBILITARE DEAE  
SI POTEST ILLA MIHI TENERVM FERTVNDERE PECTVS  
QVIT EGO NON POSSIM CAPVT ILLAE FRANGERE FVSTE

Muitos historiadores modernos procuraram analisar a história antiga fazendo uso de conceitos e ideias judaico-cristãs, como por exemplo, a separação entre as esferas do amor ou da sexualidade da religião. Por muito tempo foram apagados desses estudos os sentimentos e paixões dos deuses, como a história de amor entre Marte e Vênus. Estudando os grafites e outras fontes deixadas pelo culto à Vênus, notamos que para os romanos essa separação não parece existir. As sexualidades bem como as relações amorosas faziam parte do universo religioso – afinal, compunham grande parte do imaginário sobre a deusa Vênus, em especial quando relacionado à fertilidade.

---

<sup>22</sup>*Corpus Inscriptionum Latinarum*, volume IV (inscrições encontradas em Pompeia), Akademie der Wissenschaften, Berlim, desde 1871.

Tradução: “Quem me ame que venha aqui: quero quebrar as costas de Vênus, a pauladas, e deixar seu lombo machucado. Se ela pode atravessar meu terno coração por que eu não posso abrir sua cabeça com um pau?”

## **Bibliografia consultada para descrição dos deuses e deusas:**

- ARYA, Darius Andre. *The Goddess Fortuna in Imperial Rome: Cult, Art, Text*. 2002. pp. 409 (Tese) - University of Texas, Austin. Disponível em: <http://www.lib.utexas.edu/etd/d/2002/aryada026/aryada026.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2015.
- BEARD, Mary. *Pompeii: The life of a Roman town*. Profile Books, 2010.
- BERRY, Joanne. *Pompeya..* Madrid – Espanha: Editora Akal, 2009.
- CABRAL, Luiz Alberto Machado. *O hino homérico a Apolo*. Ateliê Editorial, 2004.
- COMMELIN, Pierre. *Nova Mitologia Grega e Romana*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1984.
- Corpus Inscriptionum Latinarum*, volume IV (inscrições encontradas em Pompeia), Akademie der Wissenschaften, Berlin, desde 1871.
- DOBBINS, John Joseph; FOSS, Pendar William (Ed.). *The world of Pompeii*. Routledge, 2007.
- DORAN, Susan. *Juno versus Diana: The treatment of Elizabeth I's marriage in plays and entertainments, 1561–1581*. The Historical Journal vol. 38 n.02 1995 pp.257-274.
- ELIA O., PUGLIESE CARRATELLI G., *Il santuario dionisiaco di S. Abbondio a Pompei*, in. *Orfismo in Magna*

- Grecia. Atti del XIV convegno di studi sulla Magna Grecia (1974)*, Naples, 1975, p. 139-154.
- FANTACUSSI, Vanessa A. *O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II: representações nas Metamorfoses de Apuleio*. 2007. 95 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP. 2007
- FLORES, Guilherme Gontijo. *Isilo*. Letras Clássicas, n. 10, p. 175-177, 2013.
- GARRAFFONI, Renata. Senna. ‘La religión y el cotidiano romano: el exemplo de las paredes de Pompeya’. In: Pablo Ozcáriz Gil. (Org.). *La memoria en la piedra. Estudios sobre grafitos históricos*. Navarra: Editora del Gobierno de Navarra, 2012, p. 204-219.
- GORDON, Arthur E. *On the origin of Diana*. Transactions and Proceedings of the American Philological Association. American Philological Association, 1932.
- HART, Gerald David. *Asclepius: the god of medicine*. RSM Press, 2000.
- LITTLETON, C. S. *Gods, goddesses, and mythology*. Vol. 1. Marshall Cavendish, 2005.
- MÉNARD, René. *Mitologia Greco-Romana*. Volume II. São Paulo: Editora Opus, 1991.
- MONTEIRO, Santiago. *Deusas e Adivinhas*. São Paulo: Musa Editora, 1998.

MORFORD, Mark P.O., and Robert J. Lenardon. *Classical mythology*. Oxford University Press, 1999.

PRATES, Paulo R.. *Do bastão de Esculápio ao caduceu de Mercúrio*. Arq. Bras. Cardiol., São Paulo , v. 79, n. 4, p. 434-436, Outubro de 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0066-782X2002001300014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2002001300014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 de dezembro de 2015.

SANFELICE, Pérola de Paula. *Amor e sexualidade em ruínas: as pinturas da deusa Vênus nas paredes de Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum*. 2012. Dissertação de Mestrado. Faculdade de História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

## **Propostas de atividades em sala**

**I** – Ocorreram, ao longo da história, diversas apropriações dos deuses romanos, seja no âmbito cultural, como os quadros renascentistas, ou no âmbito político, como quando as imagens de um deus e de um governante são aproximadas. Neste sentido, a série Harry Potter possui – tanto nos livros quanto nos filmes – uma personagem cujo primeiro nome se refere a uma deusa, Minerva McGonagall. Essa professora é descrita como muito inteligente, uma grande líder e exímia duelista. Sabendo que o primeiro nome desta personagem é Minerva, quais relações você consegue estabelecer entre esta personagem e a deusa homônima? Ambas poderiam ser consideradas representantes da sabedoria? Por que? Utilize como base o texto referente a esta deusa para explicar sua resposta.

**II** - Na discussão sobre a deusa Vênus abordamos a importância da cultura material (isto é, fontes que não são textos mas objetos, coisas) para que a história seja mais ampla e inclusiva, pois estas revelam aspectos da vida cotidiana, das esferas não formais de convivência e das classes populares que as fontes “oficiais” (como documentos do governo, por exemplo)

difícilmente trariam – é o caso dos grafites sobre Vênus, que nos contam sobre a intimidade que aqueles que a cultuavam tinham com a divindade, assim como uma ausência da separação entre religião e sexualidade (algo tido como natural para a nossa sociedade). Imagine que a sua sala de aula permaneça parcialmente intacta, como está agora, por muitos e muitos anos. No futuro, historiadores e arqueólogos fazem dela um sítio arqueológico, e alguns deles escreverão sobre a sua turma somente a partir das fontes tradicionais (seu livro didático, suas provas e trabalhos, seu boletim, etc) e outros vão considerar, além destas, também a cultura material (pichações nas carteiras e nas paredes, bilhetinhos trocados entre os colegas, os objetos pessoais na sua mochila e na sua carteira, etc). Esses dois grupos de historiadores chegariam a resultados diferentes com suas pesquisas? O que você acha que cada um deles teria a dizer sobre a sua turma?

**III** - *“Através [de uma] breve cronologia a respeito das escavações de Pompeia, [pretende-se] evidenciar que ao longo dos séculos houve uma clara intervenção política que definiu estéticas, valores e memórias, modificou cidades e que,*

*sobretudo, selecionou os modos de vida a serem preservados”*

<sup>23</sup>

A arqueologia passa a impressão de que é neutra e sempre corrobora com documentos escritos. Ao ler a citação em sala com os alunos, e valendo-se do exemplo de Pompeia, estabeleça um debate sobre a suposta neutralidade da arqueologia, seus usos ao longo do tempo e como a arqueologia pode ora corroborar com, ora contradizer documentos escritos.

**IV** - Religiosidade é um fenômeno que permeia nossa vida o tempo todo, e se configura como uma importante maneira de compreender diversos aspectos sobre o homem e a sociedade. Durante o século XIX a ciência da religião se consolida, e esta vai ser estudada a partir da observação científica estabelecida. O método passará por um processo, e cada vez mais perde sua tendência evolucionista e muda sua postura em não classificar de acordo com o valor diversas práticas. Como a ciência da religião se configura agora? Quais características, dessa maneira atual de se estudar religiosidade, você acha interessante? A

---

<sup>23</sup> SANFELICE, Pérola. *As Representações Parietais de Vênus em Pompeia Durante o Império Romano*. 2009. 71 p. Dissertação (Mestrado em História) – Coordenação dos Programas de Pós-Graduação de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. p. 55.

valorização de outras formas de entender a divindade é proveitosa?

**V** - Na Roma Antiga o espaço político era muito influenciado pela religiosidade, de forma que os deuses eram sempre consultados pelo homem, que busca com a divindade o melhor caminho para pautar suas ações. Outras práticas romanas exemplificam esse cenário? Você, considerando seu cotidiano, percebe alguma diferença? Justifique.

**VI** - A religião romana assimilava deuses e práticas religiosas de outros povos, o que é uma das suas características mais importantes, pois contribuía para seu pluralismo. Atualmente, percebemos vários conflitos entre as religiões que são, não raro, orientados pela falta de conhecimento e respeito em relação às práticas religiosas de outras culturas. Sendo assim, você considera positiva a prática do sincretismo romano e o respeito que eles tinham com as outras religiões? Você acha que o conhecimento e o respeito dedicados a outras religiões podem ser uma maneira de diminuir os conflitos? Por quê?

**VII** - No início desse texto, foi informado ao leitor que Priapo seria um deus menor dentre as divindades do mundo romano.

Sendo assim, é possível considerar que existia uma hierarquia entre essas entidades? Estudos posteriores poderiam ter alterado seus significados? O caráter divino ligado ao sexo pode ter ocasionado mudanças no seu significado inicial? Uma historiografia conservadora pode ter, ao longo do tempo, negado sua importância? No caso de Priapo, o que poderia fazer com que ele fosse considerado um deus de "menor escalão"?

**VIII** - Relacione o caráter divino de Mercúrio e discorra sobre a influência do deus no curso de Ciências Contábeis. Quais motivos podem ter levado o caduceu a ser considerado um símbolo do curso? Esculápio carrega em muitas representações um bastão semelhante ao caduceu. Estes símbolos são diferentes ou iguais? Na questão busque relacionar o caduceu de Mercúrio com o Bastão de Esculápio.

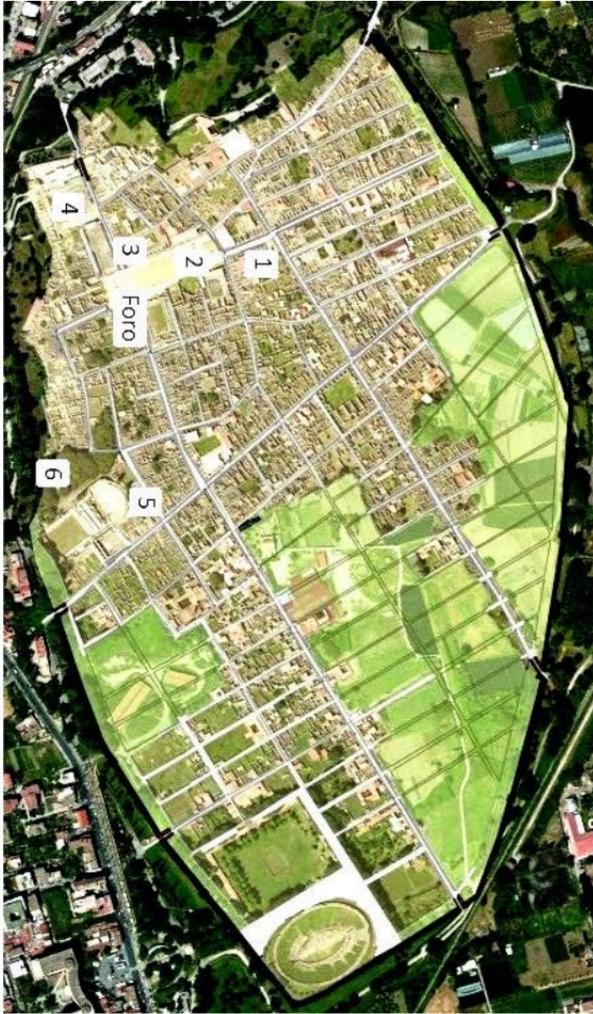
**IX** - Em relação a Esculápio, tanto seu pai Febo quanto sua filha Salus possuíam domínios e áreas de influência associados à medicina e à prevenção ou cura de doenças de alguma forma. Você acha que isso está diretamente associado ao fato de que Esculápio era o deus dos médicos? Procure por outras relações

de parentesco nesse material didático para explicar seu posicionamento.

**XI** - Sabendo que Hércules e Mercúrio por vezes foram representados um como o outro, consulte o capítulo referente ao material didático do deus Mercúrio e responda: o Templo Dórico poderia ser também um local de culto ao deus dos viajantes? Justifique e comente sobre a importância dos domínios de Mercúrio para uma cidade como Pompeia.

**XII** - Compare as áreas de influência de Júpiter a outros deuses e responda: O culto a este deus em ambiente privado era comum? Em qual aspecto da vida romana este deus era influente? A partir das informações relativas a seu templo, podemos dizer que esta era uma divindade importante? Por quê?

## Mapa de Pompeia



- 1 - Templo da Fortuna
- 2 - Templo de Júpiter (tornou-se Capitólio em 1 a.C.)
- 3 - Templo de Apolo
- 4 - Templo de Vênus
- 5 - Templo de Ísis
- 6 - Templo Dórico

## ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO

ANDRÉ VICTOR FALCADE PEREIRA

ANDRÉ ARRUDA NASCIMENTO

BRENDA YASMIN DEGGER

BRUNO ERCOLE CAMARGO

DOUGLAS FIGUEIRA SCIREA

JOSIP HORUS GIUNTA OSIP

LETÍCIA RUOSO WEHMUTH

MARIA VICTORIA RIBEIRO RUY

WILLIBALDO RUPPENTHAL NETO